

## DO PROBLEMA DO ENSAIO - DO ENSAIO COMO PROBLEMA

*Juan Adolfo Bonaccini*

Poucas palavras parecem tão óbvias e designam conceitos tão problemáticos como o vocábulo “ensaio”. Na Teoria da Literatura tem sido recorrente, dentre outras coisas, excluí-lo do gênero literário por ser demasiadamente “filosófico”. Filósofico quer dizer aí ter a pretensão de emitir um conjunto de opiniões e idéias sobre um assunto determinado acompanhando-as de suas razões. Tem sido também freqüente, no entanto, principalmente no âmbito filosófico, considerar “mera literatura” todos aqueles escritos que não se podem encaixar nos padrões tidos por filosóficos dentro de uma determinada conexão de tradições e eventos. Assim, denomina-se “ensaístas” todos aqueles autores artífices de idéias ou questionadores natos que parecem fugir aos parâmetros da filosofia acadêmica tradicional ou da literatura em vigor. Todavia, não interessa ao presente discurso mencionar os críticos que menos prezam o ensaio; seja a partir da literatura, da filosofia ou da teoria institucional que estuda ambas. Tampouco é o caso de citar ou apologizar autores conhecidos caracterizados ou tachados de ensaístas, mas de examinar o conceito de ensaio a fim de poder mais ou menos delimitá-lo e dizer se diz respeito à Filosofia em algum sentido. O meu intuito se resume nesta problemática.

## I

Sobre a questão existe uma certa tradição. Dentro desta, o ensaio é considerado de três modos: 1) como um gênero literário a mais, i. é, como um tipo de narrativa; 2) como um gênero à parte e totalmente autônomo; 3) como pertencente à filosofia.

Não pretendo entrar no mérito de cada uma destas posições, mas apenas dizer que se a questão do ensaio não configurasse em si mesma um problema para o pensar não haveria tantas dificuldades para a determinação do seu lugar. E uma vez que a delimitação do locus em que o ensaio pode existir está intrinsecamente relacionada com o problema do estatuto do ensaio, nada parece mais sensato do que examinar mais de perto o significado da palavra “ensaio”, a fim de vislumbrar a especificidade do seu conceito e ver em que medida diz respeito à Filosofia ou não.

O termo “ensaio” veio à língua portuguesa do termo francês essai; do mesmo modo, “ensaiar” vem de essayer. Os vocábulos franceses traduzem o termo latino exagiu e o seu respectivo verbo exagiare. No latim tardio este verbo significava exercer, provar, experimentar, tentar, treinar. Felizmente, quase todas as acepções se conservam hoje em português, e isso nos auxilia na análise.<sup>(1)</sup>

Segundo alguns, o ensaio é um estudo definido sobre um assunto, mas menos profundo do que um tratado. Para outros, é uma exposição de idéias pessoais sobre um tema determinado. Acredito que essas definições não sejam de todo falsas, mas creio estarem longe de satisfazer a nossa investigação. Se compararmos as várias acepções da palavra “ensaiar” com que se entende em geral por “ensaio”, constataremos uma disparidade. Uma disparidade tal que não se deve só à parcialidade das definições, mas também a singularidade do próprio ensaio.

Um estudo (ou uma exposição de idéias) sobre um tema não diz necessariamente uma prova, um experimento, um exercício, uma tentativa ou um treino. Seja mais ou menos aprofundado, diz mais do que isso. De modo que o termo “ensaio” ganha um conteúdo específico que não se esgota na consumação do ato de ensaiar. Um conteúdo que indica que não se trata de qualquer modo de ensaiar, mas que o ensaiar consiste aqui em ensaiar um estudo; uma exposição de um problema, uma exploração de um assunto. Algo que não diz apenas “prova”, “experimento”, “tentativa”, “exercício” ou “treino”, mas que diz respeito a uma exposição e exhibe um assunto, i. é, que desdobra um problema. Melhor: que, em exibindo o estudo, o meditar desse problema, constitui-se como prova e como experimento, como tentativa e como treino. Como exercício, como puro exercício do discurso. Como algo que duvida de antemão das soluções para o problema que exhibe; a tal ponto que a sua solução consiste apenas na exposição do problema: No desdobramento da questão e de

suas dificuldades subjacentes. Por isso é prova, mas muito, muito mais enquanto tentativa do que enquanto “demonstração”. Por isso também treino, exercício. Exercício como ato de exercer o discurso na indagação de problemas e exercício como experimento. Como se fosse uma tentativa de experimentar sucessivas aproximações em direção a um ponto que jamais se pretende ter alcançado - por isso o ensaio não é “Tratado”. Porque o tratado tem um início, um meio, e um fim; um fim que instaura o fim da discussão; enquanto que o ensaio é tão somente a tentativa de exame e o experimento como exercício de meditação e de estudo. Mas também não é um experimento no sentido das ciências naturais, senão um experimento vital no tratamento discursivo de uma questão. Mesmo assim, o ensaio é uma forma de chegar algures; pois antes de apressar-se em dar “soluções definitivas” que sempre sucumbem não pretende senão investigar e expor. E, nisso, o pensar se põe posiciona-se; e diz.

Neste sentido, o ensaio é o exame por excelência: pesquisa, analisa e observa com atenção, com minúcia; pensa e discute questões, questões que são problemas.

O Ensaio é, antes de tudo, problematização.

## II

Ora bem, tomar o ensaio por um problema, problematizá-lo filosoficamente, implica necessariamente um outro problema que ameaça conduzir o pensar a sérias vicissitudes: pressupõe a existência de algo chamado “ensaio”, e ainda o presume um problema - um problema filosófico. Colocar o problema do ensaio iria pôr em questão o ensaio como problema. Partir de um problema nos levaria a outro: será que existe o ensaio? Será que se existe, ele é um problema?

Tudo parece indicar que por haveremos partido de um certo “fato” nos enredamos numa questão de direito (quid juris), i. é, na questão de saber se temos direito a principiar por aí. Entretanto, pensar assim não nos levaria muito longe, pois a questão de direito poderia facilmente ser re-enviada a si própria com a mesma justiça que ela nos quer impor. Antes de aceitarmos o “fato” de ser um pseudo-problema problematizar o ensaio ou dele precisar então, pelo menos, de uma justificação suficiente, bem podemos pensar que isto já traz em si um outro problema: A questão de direito também pressupõe que existe algo chamado precisamente de “questão de direito”. Dito de outro modo, aquele que leva em conta a questão da justificação para questionar a problematização do ensaio já supõe que nosso empenho requer uma justificação. Mais ainda: já supõe que todo ponto de partida exige, de algum modo, uma justificação suficiente, um prius, por assim dizer. Assim, ela mesma leva ao problema de justificar-se. A própria objeção, enquanto pedido de justificação, também

precisa ser justificada: Há que se perguntar desde que lugar exige uma prestação de contas. Mas isso levará o interlocutor, e a própria questão de direito a um Regresso Infinito: quem pede uma justificação é que deve justificar-se. Todavia, para tanto seria preciso contar com um critério. E para determinar um critério precisaríamos de um outro, e para legitimar este último de um outro, e assim por diante <sup>(2)</sup>. Além do mais, a questão do critério já é mais um problema: como poderemos justificar que existem critérios, que existem critérios mais válidos que outros, e que estes são necessários, se isso já envolve o problema que esta sendo posto em questão - a Justificação?

Se problematizar o ensaio parece um problema que exige justificação, não parece ser menos problemática a própria atitude que exige uma justificação. Pois, por um lado, sugere ter admitido que existe algo tal que é uma justificação, e, além disso, ainda supõe que ela é necessária. Portanto, se considerar o ensaio como um problema digno de reflexão filosófica é algo problemático e pode ser posto em questão, não o é menos a própria atitude que põe em questão a problematização filosófica do ensaio.

Ora bem, tomar o ensaio por um problema filosófico poderia ser uma petição de princípios. Justamente por isso vem à tona a questão da justificação. Mas se a questão da justificação - pelo menos no que concerne ao presente problema- também pode ser considerada uma petição de princípios, uma vez que se pode questionar com base em que princípios se exige que justifiquemos as razões de considerarmos que existe o ensaio e que este constitui um problema filosófico, e se além disso a tentativa de resposta levaria o crítico interlocutor a um regresso infinito, então isso tudo não nos conduz a nada. E contudo, isto não resolve o nosso problema. Pois parece que não podemos apresentar argumentos diante de nós mesmos contra a acusação de partirmos de uma petição de princípios: o fato de a justificação precisar ser justificada mediante algum critério que requer um outro para justificá-lo, e este, por sua vez, de outro, e assim por diante, indefinidamente, livra-nos apenas de um argumento na discussão porque coloca o nosso interlocutor no mesmo patamar de precariedade que ele quer combater, mas não elimina a aparente arbitrariedade da questão proposta.

O que fazer, então? Parece que tomar o ensaio por um problema e tematizar o problema do ensaio nos conduz a um labirinto ou a um beco sem saída.

Felizmente, apesar de tudo, contamos com outro caminho.

É um fato que existem certos escritos que são chamados de "ensaios". E é um fato que há e houve pensadores que escreveram textos que são ou foram considerados ensaios. Entretanto, não seria pressupor o

que se devia provar dizer que há “ensaio” e “ensaístas”? Não estaremos postulando a realidade do ensaio ao dizer que ele existe de fato?

Como se vê, cada problema remete a outro, ameaçando pôr um fim a nossas indagações. No entanto, cada problema, lança-nos de imediato na busca de sua solução. E muito embora seja difícil afirmar-se uma solução definitiva passível de ser atingida, não seria arbitrário encontrar um solução “modesta”, incapaz de ser definitiva, mas suficiente para permitir a continuação racional de nossa indagação. Nesse sentido, diria que não se trata de pressupor o que se devia provar nem de postular uma certa realidade quando se diz que é um fato existirem ensaios e ensaístas. Seria uma postulação que pré-supõe o que deve provar apenas se se tratasse de uma prova. Mas não é nada disso. Em nenhum momento pretendemos provar que existem ensaios; muito menos, que existem ensaios dizendo que eles existem de fato. Se tivéssemos feito isso, não estaríamos dentro da indagação filosófica. Pois o que nos preocupa mesmo é a “existência filosófica” do ensaio: quando dizemos que “existem” ensaios é porque o ensaio já é para nós um problema. Dito de outra maneira: não se trata aqui de uma simples constatação de senso comum nem científica, mas do tratamento e indagação de uma questão propriamente dita porque se configurou como um problema.

Sempre falamos, de algum modo, do lugar de uma certa tradição e dentro de uma determinada problemática. Pretender fazer o contrário seria tão absurdo quanto querer construir qualquer coisa sem os materiais essenciais a ela. Por isso, deve-se dizer que há uma tradição na qual se inscreve o problema que tratamos; e com isto quero expressar que outros pensadores já se defrontaram com a questão. Seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito extra-acadêmico; sejam filósofos, escritores ou professores, alguém já experimentou a preocupação quanto ao lugar do ensaio. Isto equivale a dizer, em termos de argumentação, que a questão do ensaio não existiria se não existisse, de algum modo, o ensaio; que é preciso considerar a existência problemática do ensaio como uma condição da própria questão a respeito do problema do ensaio. Posto que sem a problematidade do ensaio sequer se levantaria a questão; e uma vez que a questão já foi colocada e já se configurou como um problema para diversos pensadores, faz-se mister que não seja o caso neste contexto provar ou postular a existência do ensaio. A questão não é a de saber se o ensaio existe tal como existem cadeiras, mesas ou leopardos. A questão é que existe entre alguns pensadores um problema instigante; constata-se um problema a respeito do estatuto e do lugar do ensaio. Caso não houvesse problema a questão sequer viria à tona. Não se discutiria se o ensaio é filosófico ou literário (ou nenhum dos dois).

Portanto, sem cairmos no regresso infinito da justificação (ou do critério) do ponto de partida, sem partirmos de um fato “trivial” nem

postularmos indevidamente uma existência contingente qualquer, temos razões para admitir indiretamente a existência do ensaio. E a sua existência surge como um problema. Um problema para pensar, que é digno da reflexão filosófica.

### III

Do ponto de vista filosófico, determinar o lugar do ensaio através da análise do seu conceito e dos problemas que sua problematização envolve, coincide com o assentamento de seu estatuto. A problematização do pensar, neste discurso, quer sugerir precisamente um status para o ensaio.

Desde que a questão impõe problemas ao pensar e impôs a alguns pensadores ao mesmo tempo um meio de expressão e uma incógnita, e visto que o problema se mostrou aberto ao exame filosófico, torna-se necessário delimitá-lo.

Ora, pelas características do ensaio; por ser um estudo que se quer exame, tentativa, treino, exercício; por ser um experimento que rejeita definições e dogmas, preocupando-se com a construção de um juízo "ensaiando" análises e expondo as peculiaridades que o pensar entrevê nos problemas que encara, por tudo isso é que o ensaio se mostra escorregadio, fugidio - e parece escapar a toda a tentação de limitá-lo dentro de quaisquer categorias.

Entretanto, queríamos delimitá-lo para saber se em algum sentido diz respeito a atividade que constitui o filosofar e que corriqueiramente denominamos "Filosofia". Mas, uma vez que o problema se apresenta relutante às tentativas de delimitação ou definição esquemática, bastaria fazer com que a nossa indagação pudesse relacionar à própria filosofia o resultado da nossa análise das dificuldades do exame e o próprio desmembramento do conceito de ensaio para que mostrássemos sua pertinência neste campo. Inclusive bastaria fracassar nesta tarefa para demonstrar o contrário. Todavia, isto nos traz novos problemas. Pois, o que entenderemos por "Filosofia"? Como caracterizar a Filosofia, se jamais houve um consenso a seu respeito desde há mais de dois mil anos?

Assuma-se o lugar do pensador, do filósofo (nem todo pensador é filósofo, embora todo filósofo seja pensador), a do crítico, do cético ou do estudioso: a única saída mais ou menos passível de suportar objeções consiste em partir daquilo que a história nos legou como "exemplos" de Filosofia. Porque o que chamamos de "Filosofia" é um conceito que encontra inicialmente sua determinação e sua base nas filosofias ou nos filósofos tradicionalmente reconhecidos por tais em virtude dos feitos e dos textos que deixaram. Isto não poupa novas dificuldades: nem todos consideram filósofos os mesmos filósofos; nem os mesmos textos como

sendo genuinamente filosóficos. Mesmo concordando em que a Filosofia tem a sua história, a História da Filosofia, nem todos a vêem do mesmo modo. Nem reconhecem nela um mesmo conceito: a Filosofia também é um problema.

Contudo, se isto acontece é porque o conceito de "Filosofia" é tanto ou mais relatante a limitações e fugidio às definições do que o próprio ensaio. Caso não fosse assim, não haveria tanto dissenso a seu respeito. Esta semelhança fomenta a nossa suspeita de que, independentemente de saber se o ensaio é um gênero literário, jornalístico, autônomo ou filosófico (visto que se trata de um meio de expressão onde o pensar se traduz por si só ao discurso, i. é, de um meio tal que tem o seu fim nele mesmo, e dado que o seu conceito é um problema), o ensaio diz respeito à Filosofia. E não apenas de modo accidental, mas como uma característica constitutiva e essencial da mesma. Ambos são um problema: ambos são problematização.

Dentro da própria questão acerca do que é e em que consiste o filosofar já está implícita a pugna milenar das opiniões, idéias, conceitos ou sistemas que a história legou ao "ocidente" e que se denomina em geral "História da Filosofia". Esta nos ensina que todo pensador, antes de se tornar especificamente um filósofo (ou antes de ser consagrado como tal) deparou com um grande problema. Este grande problema sempre foi, de um modo ou de outro, o do estatuto próprio filosofar e da Filosofia como uma ciência no sentido de epistémé: cada filósofo propôs uma filosofia como sendo A Filosofia. Cada um pretendeu que a sua atividade fosse o ideal do filosofar. Assim foi com Aristóteles, com Descartes, com Kant, com Hegel e com todos.

Além do mais, o fato de que a filosofia não se tenha constituído num corpus, numa ciência no sentido da Matemática, da Física, da Química ou de qualquer outra; de que esteja sempre em constante auto-questionamento e mudança, tudo isso tem despertado há bastante tempo suspeitas capciosas do seu propósito e de sua seriedade. Semelhante atitude tem esquecido amiúde, porém, que mesmo nestas ciências existem e existiram disputas internas a respeito da sua especificidade e de sua finalidade; que nelas os "especialistas" tiveram sempre, e têm, largas dissensões: e que a Matemática do sec. V a.c., por exemplo, não é a mesma que a do Séc. XIV nem do Séc. XX. E se bem que nelas se conservem questões que são consenso e não provocam problemas, o mesmo acontece na Filosofia. De modo que as suspeitas dirigidas contra os filósofos devem resultar muito mais do desconforto que provocam seus constantes questionamentos, seu "revisionismo crônico", ou bem da incompreensão dos seus pensamentos, do que de uma falta de propósito e de seriedade da própria Filosofia.

Assim, surge mais uma semelhança entre a Filosofia e o ensaio - além de os seus conceitos fugirem às definições -, uma vez que o ensaio também é alvo de suspeitas dentro do âmbito douto: se o considera "subjetivo" ou "objetivo" demais. Os estudiosos da literatura não vêem no ensaio um gênero genuinamente "literário"; os estudiosos da filosofia não têm o ensaio por algo rigorosamente "filosófico". Todavia, filósofos e literatos recorrem ao ensaio para exprimir seus pensamentos de modo bastante freqüente. Mas, como nosso interesse tem a ver mais com a relação entre o ensaio e a Filosofia, caberia indagar se o fato de a Filosofia até hoje, após centenas de tentativas, não ter conseguido encetar "o curso seguro da ciência" - para usar a expressão de Kant -, não a destina a ser eternamente um "ensaiar". Com isto quero sugerir que o ensaio, na minha suspeita, é por excelência o modo de ser do filosofar.

Tomemos os textos de Platão, por exemplo, já que ninguém discutirá que se trata de um filósofo. Por acaso Platão pretende com seus diálogos, em particular nos últimos, outra coisa que não seja ensaiar problemas, i. é, experimentar a tentativa de expor as questões que comportam problemas, dificuldades, para examiná-las, para tentar dar-lhes respostas e objeções destes todos os ângulos? Mesmo que não deixe de expor sua posição, como faz no Sofista, ou no Parmênides (quando discute problemas da "Teoria das Formas"), pretende por acaso ter esgotado a questão?, ou não será que, como Sócrates, considera mais frutífero deixar o problema desdobrado e a sua resposta em aberto?

Não será que a "bela harmonia" de Filosofia só se dá pela "discordia"?

Ora bem, dirão alguns, esse não é o caso de Leibniz, de Kant, de Descartes ou de Hegel. Nem mesmo de Aristóteles. Tais autores pretenderam soluções definitivas para os problemas que investigaram. E não são os únicos. Todavia, não poderíamos lhes responder, calmamente, que mesmo nestes casos a Filosofia não passa de um ensaiar? Parece que sim, já que a História da Filosofia, suas aporias, problemas e dialéticas; i. é, a patência da situação de constante precariedade do filósofo, da necessidade de revisão, de destruição e construção que sempre impôs cada empresa filosófica, onde cada uma é uma parte que pretende sem direito ser mais do que isso; tal circunstância nos obriga a desconsiderar a última objeção supramencionada antes de fornecer qualquer argumento.. Se bastasse pretender uma solução definitiva para fornecê-la, então sequer haveria tantas "soluções definitivas" na História da Filosofia.

Além disso, qualquer discurso filosófico; seja o de Platão, o de Aristóteles, e de Kant, ou qualquer outro, não consiste sempre numa análise que aponta todas as dificuldades de uma questão instigante e avança mediante perguntas e respostas? Não é o filosofar a realização do "diálogo silencioso de alma consigo mesma" que constitui para Platão o



pensar? Não é porventura um monólogo aparente, que esconde sua essência de diálogo constante e controverso com todos os interlocutores possíveis, e aparece enquanto discurso? Não é a Filosofia, afinal de contas, o reiterado ensaio de uma orquestra cuja sinfonia permanece sempre inconclusa?

Se o filosofar for assim, e se a Filosofia tiver a ver com nosso exame, então é certo que de algum modo será a exposição cética de uma dúvida que repousa em várias outras, e a posição das possíveis certezas a que esta dúvida pode conduzir o pensar. E enquanto experimento e tentativa que se constitui em Ensaio, seu afazer terá muito mais a ver com a questão do que com a resposta; muito mais com o problema mesmo do que com sua solução: muito mais a fazer com os caminhos do que com os lugares, embora esses caminhos sempre conduzem a algum lugar. Daí perguntar-se o seguinte: dado o caráter do Filosofar, não seria o Ensaio o modo discursivo que mais se presta e que mais convém ao filósofo?

Rio de Janeiro , 27/10/1992.

*Notas:*

- 1 Devo algumas destas informações filológicas ao colega e amigo Celso Martins Azar Filho.
- 2 Este argumento é mais ou menos o mesmo que Sexto Empírico utiliza para negar a possibilidade de definir qualquer coisa.(cf. Hypotyposes Pirronidas, II, 207)